LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

DOS EXISTENCIAIS HEIDEGGERIANOS AOS MODOS DE EXISTIR PATOLÓGICOS: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SOBRE O TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO

FROM HEIDEGGERIAN EXISTENTIALS TO PATHOLOGICAL MODES OF EXISTENCE: A PHENOMENOLOGICAL-EXISTENTIAL REFLECTION ON POST-TRAUMATIC STRESS DISORDER

DE LOS EXISTENCIALES HEIDEGGERIANOS A LOS MODOS PATOLÓGICOS DE EXISTENCIA: UNA REFLEXIÓN FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL SOBRE EL TRASTORNO DE ESTRÉS POSTRAUMÁTICO

https://doi.org/10.56238/levv17n61-007

Data de submissão: 02/05/2026 **Data de publicação:** 02/06/2026

Olyver Tavares de Lemos Santos
Mestre em Filosofia, Graduando em Psicologia
Instituição: Universidade de Brasília, Faculdade Anhanguera - Brasília
E-mail: olyver.tavares@outlook.com
Orcid: 0009-0000-9721-9444
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2717636685118906

RESUMO

O presente trabalho realiza uma reflexão fenomenológico-existencial sobre o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), buscando transcender a fragmentação dos critérios diagnósticos puramente sintomatológicos. O objetivo geral consiste em compreender como o trauma desestrutura os existenciais fundamentais do *Dasein*, utilizando como base teórica a analítica ontológica de Martin Heidegger e a daseinsanálise de Medard Boss, articuladas às contribuições clínicas de Ida Elizabeth Cardinalli. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e exploratório. Os resultados indicam que o TEPT se manifesta como um "congelamento temporal", no qual o passado invade o presente e obstrui a abertura para o futuro, resultando em uma retração da corporeidade e da liberdade de movimento. Conclui-se que o fenômeno traumático rompe a familiaridade do mundo e a barreira de segurança virtual do indivíduo, transformando sua abertura existencial em um modo de ser restritivo e defensivo. A análise ressalta a importância de um olhar clínico despatologizante que considere o sofrimento como uma restrição ontológica do ser-no-mundo, possibilitando uma prática terapêutica voltada para a transição da identidade de vítima para a de sobrevivente e o resgate da fluidez existencial.

Palavras-chave: Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Fenomenologia. Daseinsanálise. Martin Heidegger. Ida Elizabeth Cardinalli.

ABSTRACT

This work presents a phenomenological-existential reflection on Post-Traumatic Stress Disorder (PTSD), seeking to transcend the fragmentation of purely symptomatic diagnostic criteria. The general objective is to understand how trauma disrupts the fundamental existential aspects of Dasein, using as a theoretical basis Martin Heidegger's ontological analytics and Medard Boss's Daseinsanalysis, articulated with the clinical contributions of Ida Elizabeth Cardinalli. Methodologically, the research

is characterized as a qualitative and exploratory literature review. The results indicate that PTSD manifests as a "temporal freeze," in which the past invades the present and obstructs openness to the future, resulting in a retraction of corporeality and freedom of movement. It is concluded that the traumatic phenomenon breaks the familiarity of the world and the individual's virtual safety barrier, transforming their existential openness into a restrictive and defensive way of being. The analysis highlights the importance of a depathologizing clinical perspective that considers suffering as an ontological restriction of being-in-the-world, enabling a therapeutic practice focused on the transition from victim identity to survivor identity and the recovery of existential fluidity.

Keywords: Post-Traumatic Stress Disorder. Phenomenology. Daseinsanalysis. Martin Heidegger. Ida Elizabeth Cardinalli.

RESUMEN

Este trabajo presenta una reflexión fenomenológica-existencial sobre el Trastorno de Estrés Postraumático (TEPT), buscando trascender la fragmentación de los criterios diagnósticos puramente sintomáticos. El objetivo general es comprender cómo el trauma altera los aspectos existenciales fundamentales del Dasein, utilizando como base teórica la analítica ontológica de Martin Heidegger y el análisis del Dasein de Medard Boss, articulados con las contribuciones clínicas de Ida Elizabeth Cardinalli. Metodológicamente, la investigación se caracteriza por ser una revisión cualitativa y exploratoria de la literatura. Los resultados indican que el TEPT se manifiesta como una "congelación temporal", en la que el pasado invade el presente y obstruye la apertura al futuro, resultando en una retracción de la corporalidad y la libertad de movimiento. Se concluye que el fenómeno traumático rompe la familiaridad del mundo y la barrera de seguridad virtual del individuo, transformando su apertura existencial en una forma de ser restrictiva y defensiva. El análisis subraya la importancia de una perspectiva clínica despatologizante que considera el sufrimiento como una restricción ontológica del ser-en-el-mundo, lo que permite una práctica terapéutica centrada en la transición de la identidad de víctima a la de superviviente y la recuperación de la fluidez existencial.

Palabras clave: Trastorno de Estrés Postraumático. Fenomenología. Análisis del Dasein. Martin Heidegger. Ida Elizabeth Cardinalli.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) é uma condição psíquica que surge após a exposição a eventos traumáticos, sendo frequentemente abordado por perspectivas clínicas que priorizam a identificação de sintomas isolados. No entanto, tal abordagem pode limitar a compreensão do sofrimento humano ao fragmentá-lo em critérios diagnósticos. O presente trabalho propõe uma leitura do TEPT fundamentada na analítica do *Dasein* de Martin Heidegger, buscando desvelar o sentido da existência que se manifesta sob essa patologia.

A relevância deste estudo justifica-se pelo cenário de insegurança no Brasil, onde a violência urbana gera repercussões profundas na existência das vítimas. Dados recentes indicam que a percepção de medo e a violência contra grupos vulneráveis persistem, exigindo uma compreensão que vá além dos diagnósticos padronizados de manuais como o DSM e a CID. Assim, busca-se oferecer uma visão que priorize a singularidade da experiência vivida em detrimento de classificações meramente biológicas.

Diante desse contexto, o problema de pesquisa questiona como o TEPT se manifesta e pode ser compreendido a partir da Psicologia Fenomenológico-Existencial de inspiração heideggeriana. A investigação foca em como a experiência traumática pode restringir a liberdade de ser do indivíduo, resultando em fenômenos como o "congelamento do tempo" e a ruptura de sentidos existenciais.

O objetivo geral deste artigo é compreender o TEPT sob a ótica da Psicologia Fenomenológico-Existencial. Para isso, estabeleceram-se como objetivos específicos: introduzir os conceitos de existenciais e modos de ser em Heidegger; descrever as manifestações do TEPT; e refletir sobre a prática psicoterápica fenomenológica-existencial nesses casos.

Dessa forma, a pesquisa pretende esclarecer como a violência urbana modifica a possibilidade de ser do *Dasein*. Diante disso, o texto busca articular os conceitos discutidos para fundamentar uma prática clínica mais acolhedora e focada na totalidade do existir.

2 METODOLOGIA

A metodologia empregada neste trabalho consiste em uma revisão bibliográfica (revisão de literatura) de natureza qualitativa e descritiva. O método fundamenta-se na busca pela compreensão dos fenômenos, em total coerência com o referencial heideggeriano, não utilizando hipóteses estatísticas, intervenções experimentais ou procedimentos quantitativos de coleta de dados.

Para a construção do referencial teórico, realizou-se um levantamento em bases de dados eletrônicas, especificamente SciELO, Google Acadêmico e PePSIC, priorizando artigos publicados nos últimos cinco anos, sem prejuízo da inclusão de obras clássicas fundamentais para a daseinsanalyse e a psicologia fenomenológico-existencial, como as de Martin Heidegger (2012), Medard Boss (1979) e Irvin Yalom (2000). Foram utilizados descritores e palavras-chave relacionados aos temas

"Heidegger", "Daseinsanalyse", "Transtorno de Estresse Pós-Traumático", "Psicologia Fenomenológico-Existencial", "TEPT" e "violência urbana".

Os critérios de inclusão selecionaram obras que discutem o TEPT sob prismas fenomenológicos, existenciais ou daseinsanalíticos, bem como aquelas que abordam os existenciais heideggerianos e sua aplicação à psicopatologia. Foram incluídas também teses e dissertações de relevância reconhecida na área, como as de Ida Elizabeth Cardinalli (2011) e Christian Koebbel (2016), além de manuais diagnósticos (DSM-5-TR, 2023) e obras de psicopatologia (Dalgalarrondo, 2019), para fins de contraste crítico.

Os critérios de exclusão descartaram estudos de abordagem puramente neurobiológica, ensaios clínicos randomizados sem discussão fenomenológica, pesquisas quantitativas que não contemplassem a experiência vivida e artigos não disponíveis na íntegra. A análise dos dados foi conduzida por meio da leitura interpretativa e da síntese reflexiva dos conteúdos, visando explicitar os sentidos e significados do TEPT à luz da analítica existencial heideggeriana, sem imposição de categorias prévias, em conformidade com o método fenomenológico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O pensamento de Martin Heidegger impactou inequivocamente a Psicologia Fenomenológico-Existencial. Heidegger publica *Ser e Tempo* em 1927, uma "obra que marcará de forma decisiva alguns terapeutas existenciais [...]" (Angerami-Camon, 2004, p. 50-51). Dois proeminentes nomes da psiquiatria do século XX, Ludwig Binswanger (1881-1966) e Medard Boss (1903-1990), foram responsáveis por estabelecer a interface entre a ontologia fundamental heideggeriana e a práxis clínica, buscando compreender o ser humano não mais como um objeto psíquico determinado por leis causais, mas como *Dasein*[1].

A novidade filosófica heideggeriana que chamou a atenção de Binswanger e Boss consiste no modo de compreender a existência humana a partir de um paradigma que supera o dualismo cartesiano, a teoria da hegemonia da consciência e a tradicional dicotomia entre sujeito e objeto.

Para a primeira leva de teóricos da Daseinsanalyse, a obra *Ser e Tempo* representou a possibilidade de fundamentar a psicopatologia e a prática clínica em uma ontologia que compreende o homem como ser-no-mundo (*In-der-Welt-sein*), ou seja, como um ente que não existe de forma isolada

[1] O termo alemão *Dasein*, composto etimologicamente por *da* (aí) e *sein* (ser), é utilizado por Martin Heidegger para designar o modo de ser próprio do ente humano, diferenciando-o das categorias aplicáveis às coisas e objetos meramente subsistentes. Literalmente traduzido como "ser-aí", o vocábulo também é amplamente vertido para o português como "pre-sença" (ou presença), terminologia adotada em versões influentes de *Ser e Tempo*, para enfatizar que o homem é o lugar da abertura, da clareira e da verdade do ser. Outras interpretações recorrem ao termo "existência" como sinônimo, fundamentando-se na tese heideggeriana de que a essência do *Dasein* reside em seu próprio existir (*ek-sistere*), ou seja, em um movimento de projetar-se para fora de si em direção às suas possibilidades. Dada a dificuldade de encontrar um equivalente único que abarque toda a sua densidade ontológica, muitos autores e tradutores brasileiros optam por manter a palavra original *Dasein* no texto, visando preservar a indeterminação conceitual e evitar confusões com a significação ordinária de "homem" ou "consciência". No presente artigo, optou-se por preservar o termo no original.

ou “encapsulada”, mas que é constitutivamente uma abertura e uma relação direta com o mundo e com os outros. “*Dasein* não ‘é’ isoladamente, como um ‘eu’ solipsista, hermeticamente isolado dentro de si mesmo, mas o ser de *Dasein* se engendra como abertura para o outro, na cumplicidade do co-estar, que impulsiona a relação com o mundo circundante” (Tavares, 2012, p. 21).

Ao contrário dos demais entes, o ente humano não possui uma essência definida por um conteúdo de coisa (um “quê”), como ocorre com os objetos e seres inanimados. Enquanto as coisas são caracterizadas por categorias, que representam propriedades, classes ou atributos de entes “simplesmente dados”, o ser do homem é constituído por existenciais, que são modos possíveis de ser, engendrados na dinâmica da própria existência. Existenciais (*Existenzialen*) são estruturas ontológicas fundamentais que constituem o ser do ente humano. Ser-no-mundo (*In-der-Welt-sein*), Cuidado (*Sorge*), Decaimento (*Verfallen*), Ser-para-a-morte (*Sein-zum-Tode*) e Corporeidade são alguns dos existenciais que se encontram na analítica existencial de *Ser e Tempo*.

A diferença fundamental reside no fato de que os caracteres do *Dasein* não são propriedades ou qualidades de uma substância material, mas estruturas interpretativas que manifestam seu projeto e seu “poder-ser”. Assim, enquanto as características categoriais determinam o “quê” das coisas (como peso, dureza ou cor), os existenciais determinam o **“**quem” do existir humano, marcando a distinção radical entre a realidade puramente subsistente (*Vorhandenheit*) e o movimento de *ek-sistir*.

Essa distinção fundamental ocorre porque o pensamento heideggeriano está ancorado na diferença ontológica, que consiste no hiato irredutível entre o ser (*Sein*) e o ente (*Seiendes*). Enquanto os objetos intramundanos são compreendidos meramente como entes subsistentes definidos por propriedades ou categorias, o *Dasein* possui o privilégio de ser o único ente que se relaciona com seu próprio ser e possui uma compreensão pré-ontológica dele. Heidegger (2012, p. 59) explica da seguinte forma:

> O *Dasein* não é um ente que só sobrevenha entre outros entes. Ao contrário, ele é onticamente assinalado, pois *para* esse ente está em jogo em seu ser ele mesmo. Mas é também inerente a essa constituição-de-ser do *Dasein* que, em seu ser, o *Dasein* tenha uma relação-de-ser com esse ser. E isso por sua vez significa; o *Dasein*, de algum modo e mais ou menos expressamente, entende-se com seu ser. E próprio desse ente, com seu ser e por seu ser, o estar aberto para ele mesmo.

Por essa razão, a constituição do humano não pode ser reduzida a uma lista de características de “coisa”, pois o *Dasein* é o próprio âmbito de abertura em que a diferença entre o que “é” (ente) e o sentido desse “é” (ser) se manifesta. Assim, os existenciais não são meras descrições factuais, mas estruturas ontológicas que possibilitam ao homem transcender a realidade simplesmente dada em direção às suas próprias possibilidades de ser.

Essa mudança de perspectiva permitiu que a psicologia e a psiquiatria se libertassem das concepções racionalistas, subjetivistas e naturalistas que tratavam o ser humano de modo análogo aos

objetos da natureza. Além disso, a dimensão da temporalidade e os existenciais forneceram a Binswanger e Boss o instrumental necessário para descrever o fenômeno do adoecer não como um conjunto de sintomas biológicos, mas como uma restrição ou privação da liberdade e das possibilidades efetivas de realização do existir.

A breve apresentação do arcabouço filosófico heideggeriano leva à indagação de como se dá a passagem da Filosofia para a Psicologia. Ainda mais, como se pode compreender a patologia em uma perspectiva fenomenológico-existencial?

A resposta para essas indagações passa pela superação daquilo que Boss chama de "defeito fatal" de toda a psicologia: a teoria da dicotomia do mundo em sujeito e objeto e o dualismo cartesiano, que conduzem à concepção de que o "eu" é algo encapsulado. Boss (1988, p. 53) denuncia que:

> [...] todas as psicologias, psicopatologias e psicoterapias imaginam estas coisas como sendo uma formação psíquica, do tipo de uma cápsula, fechada e existente por si. [...] Continua a idéia fundamental, de imagens e objetos do mundo exterior sendo projetados para dentro desta formação-psiquê, tipo cápsula.

Essa mudança paradigmática permite que o homem deixe de ser visto como um "psiquismo encapsulado" ou uma substância isolada para ser compreendido como ser-no-mundo (*Dasein*), uma condição fundamental, no qual o existir humano é constitutivamente abertura e relação direta com o mundo e com os outros.

A passagem da filosofia para a psicologia ocorre quando a analítica existencial, que busca desvendar as estruturas ontológicas do ente humano, é aplicada à análise dos fenômenos fácticos, que se mostram em cada caso clínico particular. Nessa perspectiva, a patologia não é mais entendida como uma entidade formada por sintomas biológicos isolados ou como um defeito mecânico, mas sim como um modo de alguém existir no mundo.

Assim, a doença é compreendida como um fenômeno de privação e uma retração das possibilidades efetivas de realização da própria existência. "A natureza do fenômeno do adoecimento – e, assim, a doença – pode ser compreendida como privação da realização das possibilidades existenciais constitutivas dos modos de ser do existir humano, quando este é entendido como *Dasein* (Cardinalli, 2012, p. 97). O adoecer manifesta-se quando o indivíduo sofre uma restrição em sua liberdade original, tornando-se incapaz de reconhecer ou corresponder plenamente aos apelos e significados que os fenômenos lhe apresentam na clareira de seu existir.

Numa perspectiva Fenomenológico-existencial, o adoecer nunca é somente uma diminuição das capacidades biológicas, mas deve ser compreendido, primordialmente, como um modo de alguém existir no mundo, o que implica que reduzir o enfermo a um mero substrato biológico ou a um "aparelho" mecânico constitui uma falsificação de sua essência, já que o ser humano não pode ser representado como um objeto da natureza ou uma coisa simplesmente dada. Sob essa ótica, deve-se

superar a visão técnico-mecanicista que trata o paciente como uma coisa ou máquina defeituosa a ser consertada, ignorando que o adoecer atinge a totalidade da pessoa em sua relação significativa com o mundo e com os outros.

Compreende-se, por conseguinte, que o adoecimento físico é indissociável de uma crise existencial. Qualquer prejuízo na corporeidade – seja uma fratura ou uma infecção – não se restringe a um órgão isolado, mas manifesta uma retração nas possibilidades efetivas de realização do *Dasein*, restringindo sua liberdade originária. Portanto, a patologia revela-se como uma privação do "poder-ser", exigindo que o foco da clínica se desloque da remissão de sintomas para o ser humano que sofre. Cabe ao terapeuta auxiliá-lo a desvelar os sentidos dos fenômenos que insistem em habitar a clareira de seu existir. Pompéia e Sapienza (2011, p. 148-149) exemplificam essa redução do horizonte existencial ao modo puramente técnico:

> O paciente pergunta como ele deve fazer para acabar com o problema. Ele não vê que aquela dificuldade pode ser oportunidade de crescimento; ele só se vê como alguém submetido a um mal. Por exemplo, o problema de alguém está nos receptores de serotonina; para resolver esse problema, ele precisa de um determinado remédio. Uma pessoa pensa, por exemplo: "Que bom, com o remédio agora não tenho mais aqueles sentimentos de antes... Mas, então, os meus outros sentimentos o que são? [...] Passou a coisa ruim que eu estava sentindo, mas minha vida continua sem sentido".

Essa perspectiva ilustra o impasse de uma clínica puramente ôntica, que silencia o sintoma sem, contudo, escutar o que ele anuncia. Ao se reduzir a angústia ou a dor a um desajuste neuroquímico passível de correção medicamentosa, o paciente é alienado de sua própria historicidade, tornando-se espectador de um corpo que lhe parece estranho. Schmidlin (2018, p. 9) também critica a tendência de tratar o sofrimento psíquico apenas como uma disfunção orgânica a ser corrigida bioquimicamente. Para ele, essa visão ignora a conexão de sentido com a história de vida, os arranjos sociais e a dimensão significativa do ser humano.

Para a Psicologia Fenomenológico-Existencial, a "cura" não reside na simples restauração de um estado anterior de "normalidade", mas na conquista de uma nova postura diante da facticidade do adoecer. Assim, o sentido da vida não é algo que se recupera com o fim do mal-estar, mas algo que se reconstrói à medida em que o sujeito reassume a responsabilidade por sua abertura ao mundo, mesmo diante das finitudes impostas pela carne.

Postas as bases da Psicologia Fenomenológico-Existencial, destacando como ela se difere da Psicologia Tradicional de bases cartesianas, faz-se necessário apresentar como o olhar clínico do psicólogo existencial deve orientar-se na terapia. Para tal, lançar-se-á mão do paradigma existencial do escritor e psiquiatra Irvin Yalom:

"Não pretendo descrever a teoria da psicopatologia e da psicoterapia, mas apresento um paradigma, uma construção psicológica, que oferece ao clínico um sistema explicativo" (2000, p. 207,

tradução nossa).

Para ele, o paradigma existencial não é meramente uma teoria da psicopatologia, mas uma construção psicológica que provê ao clínico um sistema explicativo fundamental para organizar dados e formular estratégias terapêuticas. Segundo Yalom (2000, p. 197, tradução nossa):

> A posição existencial põe de relevo um conflito que flui da confrontação do indivíduo com os dados da existência. E com "dados" da existência quero dizer certas preocupações supremas, certas propriedades intrínsecas que constituem uma parte, e uma parte ineludível, da existência do ser humano no mundo.

Este modelo integra a filosofia existencial à prática clínica para compreender o sofrimento humano a partir do confronto com as quatro preocupações supremas: a morte, a liberdade, o isolamento e o vazio de sentido. Sob essa ótica, a psicopatologia é interpretada como um modo ineficaz ou tosco de enfrentar a ansiedade primária que emana dessas raízes existenciais profundas.

A morte é considerada a preocupação mais profunda e onipresente, caracterizada pela tensão entre a consciência da inevitabilidade do fim e o desejo intrínseco de persistir na existência. Yalom argumenta que a ansiedade de morte opera como uma corrente subterrânea que molda comportamentos e estados psicológicos, frequentemente gerando mecanismos de defesa e negação. No contexto clínico, o confronto com a finitude não visa apenas à supressão do medo, mas serve como um catalisador para que o indivíduo desperte para uma vida mais plena, aceitando a mortalidade como parte natural da condição humana.

No campo existencial, a liberdade afasta-se de conotações políticas para designar o homem como o autor total de sua própria vida, escolhas e ações. A ausência de um "chão" firme ou de um desígnio preordenado no universo transfere para o sujeito o peso da responsabilidade absoluta, o que pode gerar uma angústia paralisante ou a chamada "tirania da escolha". A estratégia terapêutica busca transformar essa pressão em capacidade de agência, auxiliando o paciente a lidar com a culpa existencial que surge quando ele reconhece ter abandonado seu próprio potencial ou falhado em viver autenticamente.

O isolamento existencial refere-se ao abismo intransponível entre o "eu" e os outros, revelando uma solidão fundamental que persiste independentemente do convívio social. Yalom distingue o isolamento interpessoal (distância dos outros) e intrapessoal (alienação de si mesmo) do isolamento existencial propriamente dito, que é o reconhecimento da separação inerente à existência. A terapia concentra-se em ajudar o paciente a reconciliar-se com o fato de que o ser humano entra e sai do mundo sozinho, o que, paradoxalmente, permite a construção de conexões humanas mais autênticas e o encontro genuíno a partir da própria individualidade.

Por fim, o vazio de sentido surge do dilema de uma criatura que busca propósito em um universo aparentemente indiferente e desprovido de um sentido preordenado. Diferentemente de

vertentes que buscam um sentido "objetivo", Yalom enfatiza que o sentido não é algo que se descobre, mas sim algo que o indivíduo deve criar por meio de seus próprios valores, metas e relacionamentos. O processo terapêutico orienta o paciente a identificar o que lhe proporciona satisfação e a cultivar um engajamento ativo na vida, construindo uma narrativa pessoal que confira direção e realização mesmo diante da incerteza existencial. Yalom (2000, p. 295, tradução nossa) sintetiza:

> A morte nos ajuda a compreender a ansiedade, oferece uma estrutura dinâmica sobre a qual basear a interpretação e serve como uma experiência-limite capaz de instar uma mudança completa de perspectiva. Cada uma das demais preocupações supremas aporta outro segmento para um sistema psicoterapêutico integral: a liberdade nos ajuda a compreender a assunção da responsabilidade, a responsabilidade de mudar, a decisão e a ação; o isolamento esclarece o papel da relação; enquanto o vazio de sentido conduz nossa atenção para o princípio do comprometimento.

Estabelecida a estrutura clínica a partir do paradigma existencial de Yalom, resta a este discurso coroar a jornada reflexiva aqui instaurada por meio da percepção fenomenológico-existencial do fenômeno do Estresse Pós-traumático.

De acordo com o DSM-5 (2023, p. 274), "a característica essencial do transtorno de estresse pós-traumático é o desenvolvimento de sintomas característicos após a exposição a um ou mais eventos traumáticos." Paulo Dalgalarrondo (2019, p. 455) caracteriza o Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) como uma condição com forte componente de ansiedade que surge após a exposição a eventos "extremamente ameaçadores, traumáticos e horríveis", citando como exemplos estupro, sequestro, assalto, catástrofes naturais e situações de guerra, entre outros.

> De forma resumida, é necessário que a pessoa esteja envolvida em um evento (seja como testemunha ou vítima) que implique morte ou ferimentos graves (seja de forma real ou pressuposta) com séria ameaça à sua integridade física ou à de outros. É também necessário que a reação da pessoa ao fato tenha envolvido horror, medo intenso ou a sensação de impotência (Ferreira-Santos; Fortes, 2011, p. 34-35).

O Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) caracteriza-se pelo desenvolvimento de sintomas específicos após a exposição a episódios concretos ou ameaças de morte, lesão grave ou violência sexual, seja por vivência direta, testemunho presencial ou conhecimento de eventos violentos ocorridos com pessoas próximas.

O diagnóstico requer a presença de sintomas intrusivos, como lembranças angustiantes e recorrentes, sonhos aflitivos e reações dissociativas (*flashbacks*), nas quais o indivíduo sente ou age como se o evento traumático estivesse ocorrendo novamente. É necessária também a evidência de evitação persistente de estímulos associados ao trauma, manifestada pelo esforço deliberado para evitar pensamentos, sentimentos ou lembretes externos, como pessoas, lugares e conversas que despertem recordações do ocorrido.

O quadro clínico inclui alterações negativas nas cognições e no humor, tais como a

incapacidade de recordar aspectos importantes do trauma, crenças negativas exageradas sobre si mesmo e o mundo, além de um estado emocional negativo persistente de medo, culpa ou vergonha. Adicionalmente, verificam-se alterações marcantes na excitação e reatividade, que englobam comportamento irritadiço, hipervigilância, resposta de sobressalto exagerada e perturbações do sono ou da concentração. Para confirmação diagnóstica, os sintomas devem ter duração superior a um mês e causar sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional e em outras áreas importantes da vida do indivíduo. Embora o DSM-5 descreva os critérios operacionais do TEPT, tal abordagem não acessa o fenômeno em sua dimensão existencial, reduzindo o adoecer a um conjunto de indicadores comportamentais.

Depois de uma breve apresentação do Transtorno de Estresse Pós-traumático, que trouxe à luz as principais características e critérios diagnósticos, passa-se à discussão do transtorno sob a perspectiva Fenomenológico-Existencial.

Como tratado anteriormente, na perspectiva fenomenológico-existencial, a existência perturbada (ou modo de existir patológico) é concebida não como a ausência total de saúde, mas como um estado em que o "ser sadio" e o "estar bem" se encontram transtornados ou prejudicados. "Se o *Dasein* é ser de possibilidades, livre para se constituir a si mesmo, a partir de suas escolhas, adoecer significa a restrição da liberdade de alguém em realizar as suas possibilidades de ser" (Cardinalli, 2011, p. 55). A condição de enfermidade é um modo de ser negativo do *Dasein*, no sentido de que tolhe suas possibilidades de efetivar-se.

> Boss percebe que o estar doente é caracterizado pelo prejuízo na habilidade de realização das possibilidades, e que com tal prejuízo ocorre a interferência direta na liberdade do ser humano para realizar suas concretas possibilidades nas diferentes situações da sua vida (Cardinalli, 2004, p. 108).

Diante do exposto, indaga-se: Como o Transtorno de Estresse Pós-Traumático perturba os existenciais do *Dasein*? Para responder à pergunta, considerando a fenomenologia-existencial, é necessário deslocar o olhar clínico dos sintomas isolados para o ser humano que está doente, compreendendo a patologia como uma modalização do existir ou uma forma privativa do ser-no-mundo, pois, segundo Cardinalli (2004), "a doença é um modo de ser-no-mundo prejudicado, e não um objeto biológico externo ao sujeito".

No caso específico do TEPT, essa perturbação atinge as estruturas fundamentais do *Dasein* – os existenciais – de maneira profunda, transformando a relação do indivíduo com o tempo, o espaço, o outro e a sua própria liberdade. Em sua obra *Transtorno do Estresse Pós-Traumático: Uma Compreensão Fenomenológico-existencial da Violência Urbana*, originada de sua tese de doutorado, Ida Elizabeth Cardinalli reflete como a violência afeta a existência. Nela, Cardinalli revela a perturbação que a violência causa nos existenciais do *Dasein*. Sua pesquisa caracteriza-se como um

estudo qualitativo de natureza clínica, integralmente orientado pelo pensamento fenomenológico-existencial de Martin Heidegger. O procedimento envolveu a realização de entrevistas clínicas com três participantes vítimas de violência urbana, além do acompanhamento de um deles em um processo de psicoterapia focal composto por 23 sessões, as quais foram gravadas e transcritas para análise. A análise dos dados buscou explicitar o sentido e os significados da experiência sem a imposição de categorias existenciais prévias, organizando os resultados em dois eixos fundamentais: agrupamentos temáticos e experiência temporal. Esse percurso permitiu compreender a vivência do indivíduo em sua totalidade, diferenciando as repercussões do trauma antes, durante e após o evento violento.

Por isso, o texto de Cardinalli ganha relevância central nesse momento da nossa discussão, dando forma final aos resultados da presente pesquisa.

A temporalidade é o primeiro existencial a ser analisado, considerando o impacto do Transtorno do Estresse Pós-Traumático. “Todo o Dasein é essencialmente temporalidade. Heidegger considera o homem não estando NO Tempo, mas constitutivamente temporal. Daí o significado profundo do seu livro O Ser e o Tempo. A temporalidade é estruturante do ser” (Angerami-Camon, 2005, p. 162).

O TEPT afeta a temporalidade como se o *Dasein* temporalizasse a si mesmo no momento do evento traumático. O impacto na temporalidade do *Dasein* manifesta-se no “enrijecimento do tempo em um momento específico”, no qual o fluxo normal da vida é interrompido. O indivíduo permanece “aprisionado na experiência” do evento traumático, fazendo com que o passado não seja apenas uma lembrança, mas uma presença invasiva que domina o presente mediante revivências. Concomitantemente, o horizonte do futuro se fecha, pois o poder-ser do sujeito fica restrito ao desejo impossível de que a vida “voltasse a ser como era antes”, impedindo o lançamento para novas possibilidades existenciais.

De acordo com Cardinalli (2011), o sofrimento manifestado no Estresse Pós-Traumático revela uma modalidade específica de restrição existencial, na qual o sujeito permanece fixado ao evento traumático. Nessa perspectiva, ocorre um fenômeno de “congelamento temporal”: o presente é absorvido pelo que foi vivido no passado, enquanto o horizonte de futuro se fecha, limitando as possibilidades do *Dasein* à tentativa vã de restaurar uma familiaridade e uma segurança que foram perdidas.

Ao analisar o fenômeno do trauma sob o referencial heideggeriano, Cardinalli (2011) argumenta que as experiências patológicas demonstram uma forma particular de realização do existir. No caso do TEPT, a temporalidade *ek-stática* sofre uma perturbação profunda, resultando em um aprisionamento no “acontecido”. O indivíduo deixa de projetar-se em direção ao futuro autêntico, pois sua única perspectiva de vir-a-ser reside no desejo regressivo de retornar ao estado existencial anterior à violência sofrida.

As vítimas de violência urbana que participaram da referida pesquisa relataram em suas

entrevistas uma perda do “sentir-se em casa”. Para os participantes da pesquisa, o mundo reveste-se de uma constante ameaça. A mundaneidade e a espacialidade sofrem **“**ruptura abrupta da familiaridade**”** com a própria vida. João, um dos participantes da pesquisa, utiliza a imagem de um tsunami, que “chega como um tsunami, tira tudo do lugar. Aí, mesmo que você queira colocar as coisas no local, não tem jeito. Muda a situação, muda muito. Muda tudo” (Cardinalli, 2011, p. 86).

Utilizando a metáfora do “tsunami”, a vítima relata a sensação de que a violência “tirara tudo do lugar”, destruindo a “barreira de segurança virtual”, que sustentava a ilusão de um mundo protegido. O espaço existencial se encolhe, tornando-se inóspito, perigoso e ameaçador, o que leva à restrição da liberdade de movimento, uma vez que o indivíduo passa a evitar lugares e situações que possam reeditar o trauma.

A espacialidade do *Dasein* traumatizado sofre uma alteração drástica, manifestando-se clinicamente por meio de comportamentos de fuga e de evitação sistemática de lugares ou contextos específicos. Esse fenômeno não representa apenas um “mecanismo de defesa” psicológico, mas um encolhimento real do espaço vital e das possibilidades de ser. Segundo Cardinalli (2011, p. 128):

> Muitas vezes, os medos decorrentes de eventos violentos impelem que a vítima evite certas situações, como passar na proximidade do local do assalto ou sequestro... Em geral, estas evitações restringem a vida cotidiana, pois a vítima tem dificuldade de manter suas relações pessoais, o seu trabalho ou as atividades de lazer.

Essa tentativa de autopreservação acaba por gerar um paradoxo existencial: ao tentar se distanciar da dor, o sujeito termina por gravitar perpetuamente em torno dela. A experiência traumática, portanto, deixa de ser um evento passado para tornar-se o centro de gravidade do presente. Conforme aponta a autora: “A experiência traumática perdura na tentativa de se distanciar dela, e no esforço de evitá-la a qualquer custo, e, assim, os participantes ficam aprisionados na própria experiência, isto é, aprisionados pela tentativa de evitá-la” (Cardinalli, 2011, p. 129).

Dessa forma, o mundo deixa de ser um horizonte de aberturas e encontros para se transformar em um cenário de ameaça onipresente. O espaço geográfico funde-se ao espaço existencial, resultando em uma sintonização afetiva de opressão, no qual a liberdade de ir e vir é substituída pelo encarceramento subjetivo, onde “o estreito espaço em que eles existem confina seu *Dasein* a uma afinação de constante medo e sufocação, uma vez que tudo à sua volta aparece como limitação ou encarceramento insuportável” (Cardinalli, 2011, p. 130).

Boss ensina que a disposição afetiva (humor) é o modo como nos abrimos ao mundo e por ele somos afetados. Segundo ele:

> O que chamamos de humores, sentimentos, afetos, emoções e estados são os modos concretos nos quais as possibilidades de abertura para o ser são realizadas. Eles são, ao mesmo tempo, os modos nos quais essa abertura perceptiva pode ser estreitada, distorcida ou fechada (Boss, 1979, p. 110, tradução nossa).

No âmbito da afinação ou disposição afetiva (humor), diante do trauma, a existência passa a ser governada por tonalidades de medo, angústia e desamparo. O *Dasein* entra em um estado de "vigília eterna" ou hipervigilância, no qual o sentido de risco e ameaça permeia todas as relações. Essa condição de **"**sentir-se refém**"** da própria história traumática evidencia como a disposição afetiva restringe a abertura do mundo, limitando a capacidade do sujeito de "deixar as coisas serem" sem que elas representem um perigo iminente.

No caso da corporeidade, que não se reduz ao mero corpo físico ou biológico, compreendido como um organismo mensurável, uma estrutura quimiofísica ou uma máquina. Enquanto a visão biológica tradicional foca no funcionamento de órgãos, tecidos e processos bioquímicos, a corporeidade é definida como um existencial, uma estrutura fundamental do *Dasein* que é absolutamente inseparável dele e integra todas as suas relações com o mundo.

A ciência natural e a medicina tradicional tendem a isolar o biológico como a única realidade, pois o corpo é o único fenômeno facilmente mensurável e calculável. No entanto, sob a ótica existencial, mesmo uma alteração biológica ou física, como uma fratura, não afeta apenas uma parte isolada, mas restringe a liberdade do indivíduo de realizar seu existir em sua totalidade. Para Cardinalli (2011, p. 49), "[...] a proposição heideggeriana não exclui a dimensão corpórea, mas propõe que o corpo seja considerado em sua dimensão humana e não apenas como objeto da natureza, destacando que o corpo material é uma condição necessária, mas não uma condição suficiente para o entendimento das realizações humanas."

Assim, a corporeidade se manifesta como o ser humano co-responde às solicitações do mundo, transformando o que seria apenas matéria em uma trama de sentidos e possibilidades. O adoecer, portanto, não é visto apenas como uma disfunção biológica, mas como uma forma privativa do existir no qual certas potencialidades de relacionamento corporal com o mundo tornam-se menos disponíveis.

Quando acometida por violência, a corporeidade e a liberdade (poder-ser) são igualmente atingidas, pois o corpo é a esfera de realização da existência. Na patologia, ocorre um prejuízo na habilidade de realização das possibilidades, gerando uma interferência direta na liberdade de o ser humano agir de forma autônoma. Segundo uma das vítimas de violência do grupo pesquisado por Cardinalli (2011, p. 118), "ao relembrar como ficou abalado, começa aceitar e compreender como ficou perdido e se sentiu sem rumo e sem chão para se apoiar naquela época, e, deste modo, não tinha condições de cuidar de seu modo habitual da vida e de seus negócios." O indivíduo sente-se "sem chão e sem rumo", muitas vezes percebendo seu próprio corpo como frágil ou desamparado diante da aproximação abrupta das dimensões de imprevisibilidade, precariedade e vulnerabilidade que a violência escancarou.

A explanação acerca de como o TEPT afeta os existenciais, aponta para como a Psicologia Fenomenológico-Existencial entende as restrições no poder-ser de *Dasein* e como engendra uma

possível "clínica", buscando compreender o sofrimento humano em sua totalidade.

Ribeiro (2023) baseia-se em Boss para defender que o trabalho na psicoterapia consiste no desvelamento (aletheia) daquilo que chega ao mundo do paciente e que ele não consegue reconhecer ou corresponder, devido ao enrijecimento causado pelo evento traumático. Uma clínica daseinsanalítica buscaria, assim, auxiliar na reconquista da fluidez existencial, devolvendo ao *Dasein*, ao menos o quanto possível, sua liberdade.

A perspectiva da Escola Britânica de Análise Existencial, representada por expoentes como Ernesto Spinelli e Emmy van Deurzen, oferece um contraponto vital às taxonomias tradicionais ao propor uma prática clínica pautada na despatologização e na investigação da relacionalidade. No contexto do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), essa abordagem não se limita ao mapeamento de sintomas, mas debruça-se sobre a totalidade do ser humano concreto e sobre os significados por ele atribuídos à sua circunstância traumática.

> No geral, a terapia existencial-fenomenológica britânica concentra-se na forma como os clientes se relacionam com diferentes aspectos do seu mundo, conforme exemplificado nos quatro domínios da existência humana de van Deurzen: os reinos físico, social, pessoal e espiritual (Umwelt, Mitwelt, Eigenwelt e Überwelt) (Koebbel, 2016, p. 47, tradução nossa).

Para tanto, a investigação clínica fundamenta-se na exploração das quatro dimensões da existência: o âmbito físico (*Umwelt*), onde o trauma se manifesta como hipervigilância e dor corporal; o social (*Mitwelt*), marcado pela quebra da confiança nos vínculos; o pessoal (*Eigenwelt*), onde reside a crise de identidade; e o espiritual (*Überwelt*), esfera na qual o sentido último da vida é colocado em xeque.

Sob essa ótica relacional, o terapeuta adota uma postura de "des-conhecimento" (*un-knowing*), uma ingenuidade disciplinada que permite suspender pressuposições normativas para acessar o mundo idiossincrático do cliente. O bem-estar psicológico é compreendido, portanto, não como a ausência de conflito, mas como a capacidade do indivíduo de enfrentar os "dados" (*givens*) da vida, aceitando as limitações impostas pela facticidade. Koebbel (2016, p. 121) recorre a Spinelli (2007) para explicar "que nem sempre há uma escolha a ser feita, mas que, às vezes, a terapia trata de mudar a interpretação e o significado dos 'dados' (*givens*)".

No manejo do TEPT, o objetivo terapêutico reside em auxiliar o sujeito a integrar o evento violento à sua biografia, transformando a paralisia do "congelamento temporal" em uma possibilidade de liberdade dentro das restrições. Ao restaurar a fluidez do porvir, a psicoterapia possibilita que o *Dasein* recupere seu senso de agência, permitindo que a existência volte a projetar-se de forma autêntica nas quatro dimensões de seu mundo.

A intervenção clínica no Transtorno de Estresse Pós-Traumático, sob a ótica de Ida Elizabeth Cardinalli, como já apresentado, estabelece um paradigma que transcende o modelo médico tradicional

ao adotar a psicoterapia focal de base fenomenológico-existencial. Nesta abordagem, o foco desloca-se da remissão sintomática causal para o esclarecimento dos significados que a violência imprimiu na trajetória biográfica do sujeito. O trabalho terapêutico debruça-se sobre a ruptura da "familiaridade" – aquela barreira de segurança virtual que sustentava o ser-no-mundo do indivíduo antes do trauma. Ao utilizar o método focal, o terapeuta delimita o campo de atuação a partir das queixas imediatas, mas sempre visando ao desvelamento de como o assalto ou sequestro "tirou a existência do lugar", exigindo uma reorganização profunda do sentido de ser.

Um dos pilares fundamentais desse processo é a transposição da postura de evitação para a de aproximação da experiência. Enquanto o diagnóstico de TEPT destaca a esquiva como um sintoma a ser eliminado, Cardinalli a compreende como um mecanismo que, embora tente proteger o sujeito, acaba por aprisioná-lo em um estado crônico de risco. A clínica, fundamentada no "cuidar antecipativo" heideggeriano, não retira do paciente o peso de sua existência, mas devolve a ele a responsabilidade pelo cuidado de si.

Assim, o terapeuta atua como um facilitador para que o *Dasein* recupere sua transparência, permitindo que o "congelamento temporal" seja dissolvido. Ao integrar o evento traumático como uma página de sua história e não como um núcleo estático e paralisante, o indivíduo deixa de habitar a passividade da vítima para assumir a agência do sobrevivente, restaurando a fluidez do seu porvir e a autonomia de seu projeto existencial.

3 CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou investigar o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) para além da taxonomia clássica dos manuais diagnósticos, propondo uma leitura fundamentada na fenomenologia existencial e na daseinsanálise. Ao longo deste estudo, evidenciou-se que o trauma não pode ser compreendido como um evento circunscrito ao passado orgânico do sujeito, mas sim como uma força que reconfigura a totalidade do seu ser-no-mundo. A análise dos existenciais heideggerianos permitiu identificar que o sofrimento do indivíduo traumatizado reside em uma profunda perturbação da sua abertura originária, onde a clareira da existência é obscurecida pela ameaça constante.

Ficou demonstrado que o TEPT produz uma ruptura da temporalidade e da espacialidade. Através das contribuições de Ida Elizabeth Cardinalli, compreendeu-se que o "congelamento temporal" aprisiona o *Dasein* em um presente saturado pelo passado, impedindo a projeção autêntica em direção ao futuro. Paralelamente, a destruição da "barreira de segurança virtual" transforma o mundo em um lugar inóspito, resultando em uma retração da corporeidade e da liberdade de movimento. O diagnóstico, portanto, deixa de ser uma lista de sintomas para tornar-se a descrição de um modo de vida restritivo e defensivo.

Por fim, este trabalho ressalta que o fazer psicoterapêutico deve afastar-se da pretensão de "consertar" uma psique disfuncional, voltando-se para o acolhimento do *Dasein* em sua sintonização afetiva de medo e desamparo. A clínica fenomenológico-existencial oferece um caminho para a retomada da fluidez existencial, auxiliando o paciente a habitar novamente o mundo, não mais como vítima de um destino imutável, mas como um ser capaz de ressignificar sua história. Espera-se que esta reflexão contribua para uma prática psicológica mais humanizada, que reconheça a dignidade do sofrimento humano em sua dimensão mais profunda e existencial.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (Org.). As várias faces da psicologia fenomenológico-existencial. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BOSS, Medard. Existential Foundations of Medicine and Psychology. New York: Jason Aronson, 1979.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. Daseinsanalyse e esquizofrenia. São Paulo: Escuta, 2012.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. Transtorno de Estresse Pós-Traumático: um estudo fenomenológico-existencial da violência urbana. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. Transtorno do Estresse Pós-Traumático: Uma Compreensão Fenomenológico-Existencial da Violência Urbana. São Paulo: Escuta, 2016.

DALGALARRONDO, Paulo. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

FERREIRA-SANTOS, Eduardo; FORTES, Marisa. De vítima a sobrevivente: um guia para identificar e enfrentar o transtorno de estresse pós-traumático. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Petrópolis: Editora Unicamp/Vozes, 2012.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Atlas da Violência 2025. Brasília: IPEA/FBSP, 2025.

KOEBBEL, Christian M. Talking about Life in a Serious Way: Existential-phenomenological Therapeutic Practice in Primary Care. 2016. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia do Aconselhamento e Psicoterapia) – The University of Middlesex & The New School of Psychotherapy and Counselling, Londres, 2016.

POMPÉIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

RIBEIRO, Rafael Monho Pinto. Aquilo que não pode desaparecer: um estudo sobre os casos clínicos de Medard Boss com vistas à explicitação do trabalho clínico daseinsanalítico. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

SAPIENZA, Bilê Tatit. Encontro com a Daseinsanalyse: a obra Ser e Tempo, como Fundamento da Terapia Dasensanalítica. São Paulo: Escuta, 2015.

SCHMIDLIN, Roberto Ernesto. Fundamentos de Psicopatologia Fenomenológica e Daseinsanalyse. Belo Horizonte: Initia Via, 2018.

SPINELLI, Ernesto. An existential challenge to some dominant perspectives in the practice of contemporary counselling psychology. Counselling Psychology Review, Leicester, v. 29, n. 2, p. 7-14, jun. 2014.

TAVARES, Olyver. O confronto radical entre Nietzsche e Heidegger em relação à superação da metafísica. Controvérsia, [*s. l.*], v. 8, n. 3, p. 12-32, set./dez. 2012.

YALOM, Irvin D. Psicoterapia existencial y terapia de grupo. Paidós, 2000. (Título original: *The Yalom Reader*, 1998).